

# A VERDADE SUPÕE A JUSTIÇA

**Benedito Eliseu Leite CINTRA**  
PUCSP

## RESUMO

Desde uma proposição de Enrique Dussel sobre a cultura semita: "uma tradição totalmente distinta como o dia e a noite, da cosmovisão dos gregos", procuramos mostrar essa distinção interpretando os quatro primeiros capítulos do livro Gênesis da Bíblia. "A verdade supõe a justiça", significa a relatividade de toda política sob o absoluto do mandamento: "Tu não matarás".

## RÉSUMÉ

Dès une proposition d'Enrique Dussel concernant la culture sémitique: "Une tradition tout distincte comme le jour et la nuit, de la cosmovision des grecques", nous essayons de montrer cette distinction en interprétant les quatre premiers chapitres du livre Genèse de la Bible. "La vérité suppose la justice", signifie la relativité de toute politique sous l'absolu du commandement: "Tu ne tueras point".

## INTRODUÇÃO

A filosofia *grega* é muito conhecida. A sabedoria semita é pouco conhecida. Esta, quando é conhecida, é conhecida nos termos

da *onto-teo-ideo-logia* cristã construída na cristandade medieval. Para Enrique DUSSEL, da cultura *semita* deve-se dizer que é

uma tradição totalmente distinta, como o dia e a noite, da cosmovisão dos gregos<sup>1</sup>.

Para falar dessa cultura semita, minha referência é a BÍBLIA, com o ANTIGO e NOVO TESTAMENTO este somente dos *crístãos*. Quanto ao ALCORÃO de MAOMÉ, não vou considerá-lo pelas seguintes razões:

- relativamente, é um documento bastante tardio da tradição semita (séc. VII d.C.);
- teve influência muito reduzida sobre a cultura ocidental;
- é obra de um homem só, MAOMÉ, enquanto que a BÍBLIA foi redigida, freqüentemente por autores ou compiladores anônimos, desde a tradição oral de uma vasta comunidade, durante milênios.

É possível retirar de Enrique DUSSEL quadro comparativo para a formação dos povos *indo-europeus* e *semitas*. Diz de encontro histórico entre eles como sendo "o choque vertebral da história universal"<sup>2</sup>. Entre geral e sugestivo, o quadro mais indica qual a unidade *cultural* de fundo de uns e outros.

#### INDO-EUROPEUS<sup>3</sup>

- suas origens situam-se em torno do Mar Aral, às margens do Rio Ural; esta zona se abre para as estepes européias da Rússia ocidental
- remontam ao paleolítico do sul da Rússia (50 000 anos, 50 séculos, a.C.).
- conhecidos no neolítico (5 000 anos, 50 séculos a.C.) como "culturas de *Kurgan*" (sepulturas em forma de túmulos)

#### SEMITAS<sup>4</sup>

- suas mais antigas referências geográficas são para a Península Arábica; ocuparam a região conhecida como "Crescente Fértil", da Mesopotâmia até o sul do Rio Oriente
- remontam aproximadamente a 10 000 anos ou 100 séculos a. C.
- conhecidos como os *beduínos* do deserto
- domesticaram o *camelo*

- os primeiros a domesticar o *cavalo*
- foram povos expansionistas, chegando ao norte até a Escandinávia, ao sul até a Índia, a leste até a China e a oeste até a Espanha
- os impérios *romano, persa, chinês* e os reinos arianos da Índia são indo-europeus
- são culturas do *Sol*, "Pai do Céu", culturas do *Dia*, sendo *Dyaius Pitar* em sânscrito, *Zeús Patér* em grego e *Jupiter* em latim, o nome da divindade suprema
- privilegiam o sentido da "visão", que se abre para o *espaço* iluminado das estepes
- sua *experiência originária* é a do "homem-diante-da-natureza"
- cultuam a "lógica da Totalidade" (gregos) ou a "mística da Totalidade" (hindus)
- não foram povos expansionistas na antigüidade; na Idade Média, os *árabes* foram expansionistas; as cruzadas foram guerras promovidas pela *crístandade* medieval tornada *indo-européia*
- o *Assírio* foi o único império semita na antigüidade, destruído pelo persa indo-europeu
- não são culturas do *dia* mas da *noite*: ao sofrimento do Sol opõem o recolhimento na tenda
- na intimidade da tenda, privilegiam o sentido da "audição", na proximidade com outrem
- sua *experiência originária* é a do "face a face" interumano, da "pessoa diante de *outra* pessoa"
- cultivarão a "lógica da Exterioridade" ou a "mística do *Outro*", Criador ou Criatura

A respeito de Emmanuel LÉVINAS, o judeu-lituano-francês "filósofo da ética"<sup>5</sup> falecido em dezembro do ano passado (1996), escreve Luiz Carlos SUSIN:

Seu pensamento se distingue dos outros pensadores da intersubjetividade pelo vigoroso confronto entre o horizonte grego e o firmamento bíblico<sup>6</sup>.

"Horizonte" significa que o grego se conduziu pela *visão* da Totalidade, resultando na abrangência compreensiva da *teoria*. "Firmamento" significa que o semita - daqui em diante valendo pelo *judeu* e/ou pelo *crístão* - se conduziu pela *audição* da Exterioridade, em "desejo infinito do *Outro*", de quem toda teoria é *morte*! A imagem vale para o horizonte *finito* e o firmamento *infinito*.

É preciso fazer uma consideração histórica fundamental. Digo de uma cultura semita *primitiva* que se manteve muito apegada a si mesma até o séc. IV de nossa era, não obstante o "helenismo". Nesse século, os imperadores romanos CONSTANTINO e TEODÓSIO iniciaram a cooptação ideológica do cristianismo que resultou no regime sócio-cultural e político-religioso da cristandade medieval. Leio de Pablo RICHARD:

Existe uma visão errada das origens do cristianismo. Normalmente se projeta no passado as estruturas e os dogmas eclesiais do presente. Mais especificamente, existe uma consolidada visão constantiniana das origens do cristianismo, a qual devemos a EUSÉBIO DE CESARÉIA (263-339), bispo de Ce-saréia na Palestina, que escreveu uma *História Eclesiástica* em 10 livros. Este historiador foi o teólogo de Constantino e escreveu sua história da igreja para justificar a construção da cristandade constantiniana [...] Sua "ideologia constantiniana" perverte radicalmente as origens do cristianismo. Seu objetivo não foi escrever a história real e objetiva do cristianismo, mas a "história oficial" para fundamentar teologicamente a cristandade constantiniana. A imagem das origens do cristianismo que hoje normalmente se tem na cabeça é a imagem eusebiana e constantiniana. Resgatar as origens do cristianismo é resgatar sua identidade histórica fundada em Jesus de Nazaré e na autêntica tradição de seus primeiros discípulos<sup>7</sup>.

O tema de minha exposição pode ser; a partir dos fundamentos da tradição semita, que a *ética* precede à *política*, equivalendo a "a verdade supõe a justiça" de LÉVINAS, para quem "a moral não é um ramo da filosofia, mas a filosofia primeira"<sup>8</sup>. A respeito, LÉVINAS é radical, inaugurando a primeira linha do "Prefácio" a *Totalité et Infini* com o alerta:

Facilmente estaremos de acordo sobre a mais alta importância de saber se não somos os patetas da moral.

Acrescenta pouco em seguida:

A política opõe-se à moral como a filosofia à ingenuidade.

E depois de observar que  
 não é necessário provar com obscuros fragmentos de  
 HERÁCLITO que o ser se revela como guerra ao pensamento  
 filosófico

considera mais à frente:

A face do ser que se mostra na guerra fixa-se no conceito de  
 totalidade que domina a filosofia ocidental.

E também:

A consciência moral não pode suportar o olhar escaminho do  
 político se a certeza da paz não dominar a evidência da  
 guerra<sup>9</sup>.

Todavia, Enrique DUSSEL e Emmanuel LÉVINAS serão  
 referências interpretativas e vou procurar fundar minha exposição no que  
 se pode chamar de "Carta Constituinte" de toda a tradição judaico-  
 cristã, os quatro primeiros capítulos da BÍBLIA que são os quatro  
 primeiros capítulos do livro *Gênesis*<sup>10</sup>.

## A "CARTA CONSTITUINTE" DA TRADIÇÃO JUDAICO-CRISTÃ

(1) O primeiro versículo é por demais conhecido:

No princípio, Deus criou o céu e a terra<sup>11</sup>.

Pelo menos isso parece admitido, que o *criacionismo*  
 distingue radicalmente o grego do semita. Vige a expressão *creatio ex  
 nihilo sui et subjecti*, "criação do nada de si e de suposto". Isto é: nem  
*emanação* de si nem *transformação* de algo preexistente. Considere-se  
 a interpretação posterior que a tradição judaica faz da *criação*. São as  
 palavras dirigidas pela mãe dos MACABEUS ao último dos seus sete  
 filhos martirizados por ANTÍOCO EPÍFANES:

Eu te suplico, meu filho, contempla o céu e a terra e observa  
 tudo o que neles existe. Reconhece que não foi de coisas

existentes que Deus os fez, e que também o gênero humano surgiu da mesma forma (2Mc 7,28)<sup>12</sup>.

Todo o universo criado é *a-teu*, "fora de Deus", *não* é divino. A "metafísica" semita é ontologia *pluralista* e não é ontologia *monista*. Também do homem se pense o *ateísmo* do *eu*, como escreve LÉVINAS:

Pode-se chamar de ateísmo tal separação tão completa que o ser separado mantém-se totalmente sozinho na existência sem participar no Ser do qual está separado [...] A ruptura com a participação está implicada nessa capacidade. Vive-se fora de Deus, junto a si, é-se eu, egoísmo. A alma - a dimensão do psíquico - cumprimento da separação, é naturalmente atéia. Assim, por ateísmo entende-se uma posição anterior à afirmação e à negação do divino, ruptura da participação desde a qual o eu se põe como o mesmo e como eu,

acrescentando:

Certamente é uma grande glória para o criador ter posto de pé um ser capaz de ateísmo, um ser que, sem ter sido *causa sui*, tem olhar e palavra independentes e é junto a si<sup>13</sup>.

(2) Caminhando pelo primeiro capítulo do *Gênesis*, um refrão se repete para cada obra do criador, retomado conclusivamente ao final do "sexto dia":

Deus viu tudo o que tinha feito: e era muito bom (Gn 1,31).

Para a tradição semita, não há *matéria* má nem *corpo* mau. Não cabe na tradição semita nenhum tipo de *maniqueísmo*. Foi extrema a oposição dos judeus à dualidade de dois princípios primeiros, um do Bem e outro do *Mal*, da religião persa indo-européia, ORMUZ e ARIMÃ. Diz-se do *monoteísmo* semita, sua grande e sofrida diferença face a todo *politeísmo* e a toda *idolatria*.

(3) O versículo 27 do primeiro capítulo do *Gênesis* é notável:  
Deus criou o homem à sua imagem,  
à imagem de Deus ele o criou,  
homem e mulher ele os criou.

O versículo 7 do segundo capítulo do *Gênesis* dirá: "IAHWEH Deus modelou o homem com a argila do solo". André CHOURAQUI, na sua citada tradução do *Gênesis*, considera o termo *adâm* - também *adama* e *adôm* - e propõe a seguinte tradução:

Elohîms cria o terroso à sua réplica,  
à réplica de Elohîms, ele o cria,  
macho e fêmea ele os cria.

De *terroso* designando *homem* - não é o caso de discutir aqui o emprego de ELOHÎMS para o uso comum do termo *Deus*<sup>14</sup> -, CHOURAQUI explica para este lugar e para o versículo 7 do segundo capítulo:

**Adâm** é um termo genérico englobando toda a humanidade, "o humano", que pode ser traduzido por "o Terroso", ou ainda, "o Arruivado" (pág. 45).

**Adâm**: o texto o aproxima do termo *adama*, "gleba, terreno". Pode-se pensar também no adjetivo *adôm*, "vermelho". No Oriente, as argilas mais férteis e mais plásticas são vermelhas. Homem e húmus ou terroso e terreno mantêm a mesma relação lingüística que *Adâm* e *adama* (pág. 51).

Voltaremos sobre esta nomeação do humano por *terroso*. Aqui, é preciso bem estabelecer e afirmar que, para esta cultura semita na BÍBLIA, o ser humano, *distintamente* "homem" e "mulher", no entanto é constitutivamente "homem e mulher". A ser revisitado a respeito de ADÃO e EVA, *companheiros* perfeitos um para o outro, no capítulo segundo do *Gênesis*, não sendo o mito do *andrógino*. E com Enrique DUSSEL e Emmanuel LÉVINAS é preciso considerar que a "imagem" ou a "réplica" de Deus é o *terroso* "homem e mulher", quer dizer, o casal *terroso*! Entenda-se então, *fundamentalmente* pelo "casal *terroso*", contra toda hipocrisia, como desde a mais primitiva tradição judaico-cristã "Deus é Amor"! E igualmente se entenda que, propriamente para o cristianismo, Deus é *comunidade* de três Pessoas, ao modo da "imagem" ou da "réplica" *Homem Mulher-Filho*!

(4) Passemos a considerar o capítulo segundo do *Gênesis*, em parte um outro relato da criação atribuído à chamada "fonte javista".

Na leitura rápida que estamos fazendo da "Carta Constituinte" de toda a tradição judaico-cristã, detenho-me no versículo 8:

IAHWEH Deus plantou um jardim em Éden, no oriente, e aí colocou o homem que modelara.

A tradição verteu comumente *Éden* em "paraíso", seja no grego, seja no latim e seja nas nossas línguas ocidentais, incluindo as eslavas. Donde certa literatura dramática sobre o "paraíso perdido".

A interpretação judaica da palavra *Eden* a faz derivar da raiz hebraica '*dn*', "delícias". O entendimento é então que IAHWEH Deus colocou o homem que modelara num "jardim de delícias". Ressoa Emmanuel LÉVINAS, o judeu-lituano-francês:

No princípio há um ser cumulado, um cidadão do paraíso<sup>15</sup>.

Seria preciso inserir aqui, desse pensador, o tema da "fruição", também "amor à vida", enquanto *primeira* constituição do homem "junto a si" - seguida pelo "trabalho" e pelo "conhecimento". Suas proposições podem causar estranheza alguma mentalidade *moralista*:

Viver consiste em morder com todos os dentes os alimentos do mundo, em agradar-se com o mundo como riquezas, em fazer luzir sua essência elementar. Aí reside a verdade permanente das morais hedonistas: não procurar por detrás da satisfação da necessidade, uma ordem, em relação à qual tão somente, a satisfação da necessidade adquirisse valor<sup>16</sup>.

"O homem que come é o mais justo dos homens". Respiramos por respirar, comemos e bebemos por comer e beber, abrigamo-nos por nos abrigar, estudamos para satisfazer nossa curiosidade, passeamos por passear. Tudo isso não é para viver. Tudo isso é viver. Viver é uma sinceridade. O mundo que se opõe ao que não é do mundo, é o mundo onde habitamos, onde passeamos, onde almoçamos e jantamos, onde fazemos visitas, onde vamos à escola, discutimos, fazemos experiências e pesquisas, escrevemos e lemos livros; é o mundo de Gargântua e de Pantagruel e de Mestre Gaster, primeiro Mestre de Artes do



mundo, e também o mundo onde Abraão fazia pastar seus rebanhos, Isaac cavava poços, Jacó construía sua casa, Epicuro cultivava seu jardim e onde "cada um está à sombra de sua figueira e de sua vinha"<sup>17</sup>.

(5) Encontramos no segundo capítulo do *Gênesis*:

<sup>19</sup> IAHWEH Deus modelou então, do solo, todas as feras selvagens e todas as aves do céu e as conduziu ao homem para ver como ele as chamaria: cada qual devia levar o nome que o homem lhe desse.

<sup>20</sup> O homem deu nomes a todos os animais, às aves do céu e a todas as feras selvagens, mas, para um homem, não encontrou a auxiliar que lhe correspondesse.

Segue o mito, tornado vulgar, da mulher "costela de Adão". Mas, o que não se tornou vulgar e assumido em nossa cultura é o *encanto* do homem, *ʾish*, com a mulher, *ʾishsha*:

<sup>23</sup> Esta sim, é osso de meus ossos  
e carne da minha carne!  
Ela será chamada "mulher",  
porque foi tirada do homem!

Considerar o mito da origem da mulher "tirada do homem" como machismo bíblico é, pelo menos crassa estupidez. O que importa é o *encanto* recíproco, pelo qual

<sup>24</sup> um homem deixa seu pai e sua mãe, se une à sua mulher, e eles se tornam uma só carne.

(6) É necessário abrir algumas linhas de "teoria do conhecimento". O homem dando "nomes" aos animais é o *realismo nominal* das culturas primitivas, pelo qual a ordem das palavras implica a ordem das coisas. Pelo nome que lhes dá, o homem se *apodera* das coisas, o que também é da psicologia infantil quando a criança aprende a falar. Saber o nome é captar a *essência* da coisa e então poder agir sobre elas. No *Gênesis*, isso está em continuidade com o mandamento de Deus, para o homem e a mulher:

Dominai sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os animais que rastejam sobre a terra (Gn 1,26).

Mais ainda, pois sendo "à imagem e semelhança de Deus", o *terroso*, homem e mulher, acompanha sua palavra imperiosa:

Deus disse: "Haja luz" e houve luz (Gn 1,3)<sup>18</sup>.

Depois, lemos no capítulo segundo do *Gênesis* que o *terroso* é posto como administrador ou gerente do "Jardim em Eden":

IAHWEH Deus tomou o homem e o colocou no jardim de Éden para o cultivar e o guardar (Gn 2,15).

Este poderio da palavra, o mesmo que a transcendência humana no *conhecimento*, é paralelo ao valor do *lógos* na metafísica grega. Sabemos de HEIDEGGER que ele denuncia esta metafísica como estando na origem da desproporção científico-tecnológica da civilização ocidental, quer dizer, onde "o ente só é ente precisamente no grau em que se presta ao controle exato da subjetividade"<sup>19</sup>.

Segue na BÍBLIA o enigmático relato do "fruto proibido". Contudo, passo para o versículo 1 do quarto capítulo do *Gênesis*, a fim de continuar com estas reflexões de "teoria do conhecimento":

O homem conheceu Eva<sup>20</sup>, sua mulher; ela concebeu e deu à luz CAIM. ,

Está em jogo o sentido do verbo "conhecer" nas línguas semitas, *yada'* no hebraico. E um sentido todo diferente, primeiramente *caral*:

Indicando a união sexual, esse sentido, que não existe no grego profano, foi, sob a influência da BÍBLIA, adotado por diversas línguas ocidentais, sendo conservado até hoje em traduções modernas da BÍBLIA<sup>21</sup>.

*A Bíblia de Jerusalém* - talvez por pudicícia injustificada! - só trata do sentido desse verbo a respeito de JESUS DE NAZARÉ no *Evangelho de João*, capítulo 10, versículo 14:

Eu sou o bom pastor, *conheço* as minhas ovelhas e elas me *conhecem*, e comenta:

Na BÍBLIA, o *conhecimento* não provém de uma operação puramente intelectual, mas da *experiência*, de uma presença; ele desabrocha, necessariamente, em amor.

Vejamos a tradução que CHOURAQUI faz de *Gênesis* capítulo quarto versículo 1:

Adâm penetra Hava, sua mulher. Grávida, ela deu à luz Caïn.

Trago seu comentário a respeito:

1. **penetra, iada'**: este verbo significa, em geral, "conhecer", daí as traduções habituais; mas é necessário precisar: "por experiência concreta". Todavia, ele é empregado muito freqüentemente para relações íntimas entre casais, legítimos ou não (38,26), e ainda para casos de homossexualidade (19,5). Seu correspondente acadiano se aplica até ao acasalamento de cães. O rigor do sentido concreto de "penetrar"; com a ambivalência desta expressão, parece mais próximo do hebraico do que o eufemismo "conhecer", propagado em todas as traduções<sup>22</sup>.

(7) Mas, é preciso completar estas considerações de "teoria do conhecimento" semita com alguma coisa de sua "antropologia". A esse respeito, valho-me particularmente de Enrique DUSSEL. Ele é muito incisivo em afastar da tradição semita o "dualismo antropológico" da tradição helênica.

Na BÍBLIA, o homem é indivisamente *carne*, *basar* no hebraico e *sárx* na tradução grega dos SETENTA. Testemunho, sobremodo determinante, dessa "antropologia" *carneal* é dado por JOÃO EVANGELISTA no versículo 14, capítulo primeiro, de seu *Evangelho*:

*Kai ho Lógos sárx egéneto,*

E o Verbo se fez carne,

não empregando *sôma*<sup>23</sup>, "corpo", nem *ánthropos*, "homem", termos evidentemente de seu conhecimento. Um grego teria dito: "O Verbo tomou um corpo", o que é radicalmente distinto, ou: "O Verbo se fez homem", o que se encontra em algumas traduções<sup>24</sup>. Talvez se pudesse dizer desde CHOURAQUI, "E o Verbo se fez *terroso*"!

Outro testemunho do Novo TESTAMENTO, igualmente do *Evangelho* de JOÃO EVANGELISTA, capítulo sexto versículo 54, referindo palavra de JESUS DE NAZARÉ, abona não apenas uma *antropologia* carnal, mas uma *socialidade* carnal:

Quem come a minha carne e bebe o meu sangue  
tem a vida eterna  
e eu o ressuscitarei no último dia.

Trata-se da *comensalidade* que o fundador do cristianismo estabelece para seus discípulos como *religião* entre eles, substituindo os sacrifícios precedentes. Todas as vezes que *partirem* o pão entre si, ele estará presente participando deste gesto *amoroso*. E certamente a comida e a bebida em *refeição amiga* é cerimônia humana particularmente *sensitiva* entre tantas, que suscita e distribui *sentida* afeição, *carnal* porque a humanidade do homem tem a *carne* por substância!

- Não é o caso de discutir aqui a doutrina semita da "ressurreição". De todo modo, nessa doutrina se trata de ressurreição da *carne* ou de ressurreição dos *mortos* e nunca de ressurreição dos *corpos*. E também não se deve falar a respeito de "imortalidade da alma", algo tardio e indevido na teologia cristã helenizada<sup>25</sup> -.

O homem é indivisamente *carne*, não sendo *entitativamente* dual. Outra coisa é o dualismo *ético* em sua conduta. "E é o terroso um ser vivente" (Gn 2,7 - trad. CHOURAQUI), carne que, *respira*, ou seja, *aspira* e *expira*. Este movimento é expresso por dois termos hebraicos, *nefesh* e *ruah* - o primeiro, de tradução multiforme, significando "garganta", "suspiro", "desejo", "apetite", e o segundo certamente significando "sopro", "vento"<sup>-26</sup>. O terroso é ser vivente por dois modos: *basar nefesh*, carne que *aspira*, e *basar ruah*, carne que *expira*<sup>27</sup>. Com Enrique DUSSEL e Emmanuel LÉVINAS, a remissão é simbólica para o Salmo I, "os dois caminhos", um para a *morte* e outro para *vida*. O *egoísmo* é o caminho da morte, o terroso *aspirando* tudo para si; o *altruísmo* - na falta de outra palavra - é o caminho da vida, o terroso *expirando* de si para outrem. Um é o desejo por "satisfação", outro é o desejo por "bondade e generosidade"<sup>28</sup>.

Dois modos do *conhecimento*: um conhecimento que resulta em *poder* e um conhecimento que resulta do *amor*. Não sendo mero jogo

de palavras, para a cultura semita o "amor à sabedoria" supõe a "sabedoria do amor": *a verdade supõe a justiça*.

(8) Ainda uma reflexão a respeito, agora sobre o versículo 25 do mesmo capítulo segundo. Transcrevo também o versículo 24, que já lemos:

<sup>24</sup> Um homem deixa seu pai e sua mãe, se une à sua mulher, e eles se tornam uma só carne.

<sup>25</sup> Ora, todos os dois estavam nus, o homem e sua mulher, e não se envergonhavam.

Esta é a *originária* condição *paradisíaca* para o *terroso* conforme a "Carta Constituinte" de toda a tradição judaico-cristã que estamos examinando. Do que encontramos sobre *conhecimento* e *carnalidade* nessa tradição, digo que, se, para um grego, o homem é animal *racional*, para um semita, o homem é animal *sensual*! Confiro a mística do *Cântico dos Cânticos*<sup>29</sup> na BÍBLIA. Suas palavras sobre o *Amor* - este *nome dos nomes* de IAHWEH - são sobre o face-a-face que *assemelha*, desde o "cântico da criação" do "homem à sua imagem e semelhança", sua *felicidade* de estar junto a seus assemelhados. Certamente para a Bíblia, IAHWEH não é "pensamento, do pensamento pensamento" nem é "espírito puro". O *terroso* pode ter a experiência ou a *revelação* de quem seja IAHWEH ao compor e viver os seguintes versos:

### O amado

Os teus pés...  
 como são belos nas sandálias,  
 ó filha de nobres;  
 as curvas dos teus quadris,  
 que parecem colares,  
 obra de um artista.  
 Teu umbigo... essa taça redonda  
 onde o vinho nunca falta;  
 teu ventre, monte de trigo  
 rodeado de açucenas;

teus peitos, dois filhotes,  
filhos gêmeos de gazela;  
teu pescoço, uma torre de marfim;  
teus olhos, as piscinas de Hesebon  
junto às portas de Bat-Rabim.  
Teu nariz, como a torre do Líbano  
voltada para Damasco;  
tua cabeça que se alteia como o Carmelo,  
e teus cabelos cor de púrpura,  
enlaçando um rei nas tranças.  
Como és bela,  
quão formosa,  
que amor delicioso!  
Tens o talhe da palmeira,  
e teus seios são cachos .  
Pensei: "Vou subir à palmeira  
para colher dos seus frutos!"  
Sim, teus peitos são cachos de uva,  
e o sopro das tuas narinas perfuma  
como o aroma das maçãs.  
Tua boca é um vinho delicioso  
que se derrama na minha,  
molhando-me lábios e dentes.

### **A amada**

Eu sou do meu amado,  
seu desejo o traz a mim.  
Vem, meu amado,  
vamos ao campo,  
pernoitemos sob os cedros;  
madruguemos pelas vinhas,  
vejamos se a vinha floresce,

se os botões estão se abrindo,  
 se as romeiras vão florindo:  
 lá te darei meu amor...  
 As mandrágoras exalam seu perfume;  
 à nossa porta há de todos os frutos:  
 frutos novos, frutos secos,  
 que eu tinha guardado,  
 meu amado, para ti  
 Grava-me,  
 como um selo em teu coração,  
 como um selo em teu braço;  
 pois o amor é forte, é como a morte!

Alguns lêem essas palavras por curiosidade erótica. Outros escarnecem a BÍBLIA por causa delas. Mas, para a tradição semita, o *conhecimento* supremo, quer dizer, da *verdade* enquanto *justiça*, se revela no interior do que descrevem!

(9) Vamos para o relato da "queda", que toma todo o capítulo terceiro do *Gênesis*. No versículo 17 do capítulo segundo leio, na tradução de CHOURAQUI, a proibição de Deus ao *terroso*:

Da árvore da penetração  
 do bem e do mal, não comerás,  
 sim, no dia em que dela comeres,  
 morrerás, morrerás.

Não transcrevo a conversa entre a *serpente* - "o mais astuto de todos os animais dos campos que IAHWEH Deus tinha feito" (Gn 3,1) - e a mulher abatida pela astúcia diabólica, do mesmo modo que seu homem, "ao ver que a árvore era boa ao apetite e formosa à vista" (Gn 3,6)<sup>30</sup>. Não é o caso de análises exegéticas, pois se trata de *mito* e de *símbolos*, onde mais conta a interpretação. De tudo faço "livre exame", desde hermenêutica amadurecida em reflexão pessoal.

É supinamente ignorante e absurdamente inconsistente ver no "fruto proibido" a interdição da *relação sexual*. Mandara Deus: "Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra" (Gn 1,28) e, para tanto, que homem e mulher "se tornassem uma só carne" (2, 24). Como todas as façanhas do Criador, o sexo e "muito bom" (Gn 1,31). No entanto, como há pouco vimos de Emmanuel LÉVINAS, um é o desejo por "satisfação", outro é o desejo por "bondade e generosidade". Confesso um "pecado": como à saciedade bolinhos de bacalhau! Penso no pecado de Adão e Eva da mesma feita, ou seja, que entre eles, por *interior* insinuação diabólica, tenha havido relação de *gula* e não de *amor*! Então:

abriram-se os olhos aos dois e perceberam que estavam nus; entrelaçaram folhas de figueira e se cingiram (Gn 3,7).

(10) A *gula sexual* de Adão e Eva - ao modo de eu tratar uma mulher tal um bolinho de bacalhau a ser consumido e digerido - é o "pecado originário" de todos os outros pecados, também *originário* de todos os outros males! Simbolicamente, nessas conseqüências apontadas pelo Criador:

<sup>16</sup> À mulher, ele disse  
 "Multiplicarei as dores de tuas gravidezes,  
 na dor darás à luz filho.  
 Teu desejo te levará ao teu marido  
 e ele te dominará.

<sup>17</sup> Ao homem, ele disse:  
 [...] "Maldito é o solo por causa de ti!  
 Com sofrimentos dele te nutrirás  
 todos os dias de tua vida [...]

<sup>19</sup> Com o suor de teu rosto  
 comerás teu pão  
 até que retornes ao solo  
 pois dele foste tirado.  
 Pois tu és pó  
 e ao pó tornarás"



Encontramos no pecado de "gula sexual" a origem do *machismo*, do *desequilíbrio ecológico*, tudo levando para a *morte*. Morte como estrito "retorno ao pó", para a qual, na eficácia do *perdão* do mesmo Criador, haverá a contrapartida da *ressurreição*. Enfim, todos os males se resumem no seguinte:

IAHWEH Deus expulsou o terroso do jardim de Éden onde fora posto para cultivar o solo de onde fora tirado (Gn 3, 23).

(11) Na verdade, o terroso se expulsou do jardim de Éden, o que é o mistério de sua *liberdade*. *A-teu*, o terroso é *livre*, e, numa imagem que emprego, "suspende-se pelos próprio cabelos". Toda a pendência helênica em torno da *moira*, "destino", não cabe nessa tradição judaico-cristã que descrevo, não obstante a diatribe de jesuitas e dominicanos em torno de *predestinação* e de católicos e protestantes, no caso da presunção *calvinista*. Desde certa idéia que, para Deus, não há tempo, porque está sobre o tempo, ou que Deus vive no presente e para ele meu futuro é presente, e que não podemos dizer que Deus prevê, mas que vê tudo em seu presente, é popular certa objeção ao Deus Criador dos semitas:

Se ele já sabia que ia dar errado, porque então criou o mundo e o homem?

Ora, parece-me que se deva dizer que IAHWEH *não* sabia que Adão e Eva tinham desobedecido, o que é "teologia" semita primitiva e literal. Vamos ler alguns versículos do capítulo terceiro do *Gênesis*:

<sup>8</sup> Eles ouviram o passo de IAHWEH Deus que passeava no jardim, à brisa do dia, e o homem e sua mulher se esconderam da presença de IAHWEH Deus, entre as árvores do jardim.

<sup>9</sup> IAHWEH Deus chamou o homem: "Onde estás?", disse ele. <sup>10</sup> "Ouvi teu passo no jardim", respondeu o homem, "tive medo porque estou nu, e me escondi." <sup>11</sup> Ele retomou: "E quem te fez saber que estavas nu? Comeste, então, da árvore que te proibi de comer!"

Por esta construção, o mito significa que IAHWEH soube do ocorrido *post factum*! Noutras palavras, e enfrentando a estranheza que provoço, digo que, tendo criado "muito bom" todo o universo, ao fazê-lo "Deus *não* sabia que ia dar errado", nesses termos da angustiada

pergunta da teologia popular, . *A liberdade* do terroso, "muito boa", foi o *risco* que correu, sua *aposta* no terroso. Não é outro o *risco* ou a *aposta* que fazemos em nossos filhos ao lhes favorecer a *liberdade*, para que "desgrudem da saia da mãe". Vale de novo a proposição de Emmanuel LÉVINAS:

Certamente é uma grande glória para o criador ter posto de pé um ser capaz de ateísmo, um ser que, sem ter sido *causa sui*, tem olhar e palavra independentes e é junto a si<sup>31</sup>.

(12) Ainda há no capítulo 3 do *Gênesis* alguns versículos que gostaria de considerar:

<sup>13</sup> IAHWEH Deus disse à mulher: "Que fizeste?" E a mulher respondeu: "A serpente me seduziu e eu comi".<sup>14</sup> Então IAHWEH Deus disse à serpente: "Porque fizeste isso, és maldita entre todos os animais domésticos e todas as feras selvagens [. . . ]<sup>15</sup> Porei uma hostilidade entre ti e a mulher, entre tua linhagem e a linhagem dela. Ela te esmagará a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar".

Em primeiro considero a *desculpa* de Eva: "A serpente me seduziu e eu comi". Isso me faz lembrar Jean-Paul SARTRE, que diz dos *covardes* que não assumem sua própria responsabilidade e dos *safados* que põem a responsabilidade nos outros<sup>32</sup>. Nesses termos, SARTRE é mais semita do que sabia.

Em segundo, nesses versículos<sup>33</sup> citados está contido o *perdão* de IAHWEH Deus. À *criação*, depois da manducação, seguiu-se o *perdão*, nova criação "revista e melhorada"! É compreensão da história que põe como fundamento da hermenêutica a *decisão*: decisão de IAHWEH em *criar*, decisão do homem em *pecar* e decisão de IAHWEH em *perdoar*. É por isso que o semita é profeta da *paz*, por efeito do perdão e *não* por efeito da guerra. - O indo-europeu romano dizia: *Si vis pacem, para bellum*, "se queres a paz, prepara a guerra" - . Pelo menos se respeite o canto maravilhoso, brotado de "desejo infinito" de *perdão*:

Glória a Deus nas alturas,  
e paz na terra aos homens que ele ama<sup>34</sup>

Contudo, *perdão* é algo que o *nietzschiano* não admite, apostrofando o *semita* fraco, pusilânime, impotente, covarde, pulha, etc. Na Bíblia, o poderoso IAHWEH Deus, criador do "céu e da terra", que pusera o homem em liberdade "muito boa", quando soube da "gula sexual", "habitou entre nós",

esvaziando-se de si mesmo,  
 assumindo a condição de servo,  
 tomando a semelhança humana<sup>35</sup>.

segundo a convicção dos discípulos sobre JESUS DE NAZARÉ.

Esta é a cultura semita judaico-cristã e se pode querê-la ou não, mas ela também não se importa de ser "racional" ou não. Quer dizer, na verdade ela é plenamente "coerente" e sua "Carta Constituinte" nunca foi reformada. Sua dinâmica, no entanto, é de acolher as deiscências de sua *co-memoração* por milênios, nas *comunidades* que permanentemente fizeram e refazem sua *leitura*, historicamente revelando e pondo em dia o *mistério* latente de sua Sabedoria. Nesse sentido, diga-se que o judeu-cristianismo é *conservador*, na fidelidade à sua primeira fundação por IAHWEH Deus, mas valendo que, por seu *livre conhecimento*, o *terroso* errante discorde não só de IAHWEH Deus e também discorde do *outro*, face a face. Se alguém não quiser admitir esta cultura semita judaico-cristã, então não a admita justamente por ela propor o *livre conhecimento*, não lhe opondo suas divisões internas.

(13) É o momento de atingirmos o capítulo quarto do *Gênesis*, restando nos 16 dos primeiros versículos:

<sup>2</sup> Depois ela [Eva] deu também à luz ABEL, irmão de CAIM. ABEL tornou-se pastor de ovelhas e CAIM cultivava o solo.

<sup>3</sup> Passado o tempo, CAIM apresentou produtos do solo em oferta a lahweh; <sup>4</sup> ABEL, também ele, ofereceu as primícias e a gordura de seu rebanho. Ora, lahweh agradou-se de ABEL e de sua oferta. <sup>5</sup> Mas não se agradou de CAIM e de sua oferta, e CAIM ficou muito irritado e com o rosto abatido. <sup>6</sup> lahweh disse a CAIM: "Por que estás irritado e por que seu rosto está abatido?<sup>7</sup> Se estás bem disposto, não levantarias a cabeça? Mas se não estiveres bem disposto, não jaz o pecado à porta, um animal acuado

que te espreita, podes acaso dominá-lo?"<sup>8</sup> Entretanto CAIM disse a seu irmão ABEL: "Saíamos." E, como estavam no campo, CAIM se lançou sobre seu irmão ABEL e o matou.

Não é possível agora destrinçar estes versículos. Penso haver neles mais psicologia do que pode suspeitar nossa vã psicologia! Apontam a *inveja* e a mentira no interumano, como também a ausência de *felicidade interior*, tudo resultando na *violência*. Escreve Emmanuel LÉVINAS:

A relação com alguém é, de princípio, ética. Alguém é aquele que não se pode matar, ou aquele em cujo rosto o *sentido* consiste em dizer: "Tu não matarás nunca". Por certo, o assassinio é um fato banal: pode-se matar alguém, a exigência ética não é uma necessidade ontológica. A interdição de matar não torna o assassinio impossível, mesmo que a autoridade do interdito se mantenha na má consciência do mal cumprido - malignidade do mal -<sup>36</sup>.

Reconsideremos:

- lahweh Deus criou o universo "muito bom";
- criou o terroso num "jardim de delícias", a primeira delas o *encanto* de homem e mulher;
- este encanto não é bem *éros* dos gregos, entre *penía*, "pobreza", e *plóutos*, "riqueza"; para este encanto a palavra hebraica é *hesed*, "ternura"<sup>37</sup>;
- Adão e Eva não mantêm, ao se tornarem "uma só carne", relação de *ternura* e caem em *gula sexual*<sup>38</sup>;
- em consequência, Adão e Eva se expulsam do "jardim de delícias";
- em consequência, CAIM mata a ABEL.

Não há diferença entre *gula sexual* e *assassinio*. Ambos transgridem o mandamento: "Tu não matarás nunca". Isso é imperativo ético *absoluto* e não é *relativo*. Tanto não é relativo, que podemos ler, na seqüência dos versículos do capítulo quarto do Gênesis, a proibição da "pena de morte":

<sup>13</sup> Então CAIM disse a IAHWEH: "Minha culpa é muito pesada para suportá-la. <sup>14</sup> Vê! Hoje tu me banes de tua face e serei um errante fugitivo sobre a terra: mas o primeiro que me encontrar me matará!"<sup>15</sup> IAHWEH lhe respondeu: "Quem matar CAIM será vingado sete vezes." E IAHWEH colocou um sinal sobre CAIM, a fim de que não fosse morto por quem o encontrasse.

(14) Concluindo a leitura do capítulo quarto do *Gênesis* e da "Carta Constituinte" de toda a tradição judaico-cristã, ainda este versículo do mesmo capítulo:

<sup>9</sup> IAHWEH disse a CAIM: "Onde está teu irmão ABEL?" Ele respondeu: "Não sei. Acaso sou o guarda de meu irmão?"

Pois é, contra incompreensão atribuindo ao semita que ele é autoritário, na verdade para ele só existe um *mandamento*: "ser o guarda do irmão". Considerem este diálogo com JESUS DE NAZARÉ:

<sup>28</sup> Um dos escribas foi até ele e perguntou: "Qual é o primeiro de todos os mandamentos?" <sup>29</sup> JESUS respondeu: "O primeiro é: *Ouve, ó Israel, o, Senhor nosso Deus é o único Senhor,* <sup>30</sup> e amarás o Senhor teu Deus de todo o coração, de toda a alma, de todo o entendimento, e com todas as suas forças.<sup>31</sup> O segundo é: *Amarás o teu próximo como a ti mesmo.* Não existe outro mandamento maior do que estes."<sup>32</sup> O escriba disse-lhe: "Muito bem, Mestre, tens razão de dizer que *ele é o único e não existe outro além dele:*<sup>33</sup> e *amá-lo de todo o coração, de toda a inteligência e com toda a força, e amar o próximo como a si mesmo* é mais do que todos os *holocaustos* e todos os *sacrifícios*". <sup>34</sup> Jesus, vendo que respondera com inteligência, disse-lhe: "Tu não estás longe do Reino de Deus." E ninguém mais ousava interrogá-lo<sup>39</sup>.

## CONCLUSÃO

Afirma Emmanuel LÉVINAS:

Não se deve deduzir do que acabo de dizer uma qualquer subestima da razão e da aspiração da razão à universalidade.

Só que eu tento deduzir a necessidade de um social racional das próprias exigências do interumano, tal como o descrevo. É extremamente importante saber se a sociedade no sentido corrente do termo é o resultado de uma limitação do princípio de que o homem é lobo para o homem ou se, pelo contrário, ela resulta da limitação do princípio de que o homem é **para** o homem. O social, com suas instituições, suas formas universais, suas leis, provém de se limitarem as conseqüências da guerra entre os homens, ou de se limitar o infinito que se abre na relação ética de homem a homem?

Não se entenda o judeu-lituano-francês remetendo "o homem é lobo para o homem" à política, e "o homem é **para** o homem" à ética. Sua intenção é simples: pôr a ética no fundamento da política. Como diz: "tento deduzir a necessidade de um social racional das próprias exigências do interumano, tal como o descrevo". Ele é descrito: "na relação ética de homem a homem, abre-se o infinito". Põe em jogo dois entendimentos da política, ambos sob o conceito de "limitação". Uma é a política, cujas "instituições, formas universais, leis, provém de se *limitarem* as conseqüências da guerra entre os homens"; outra é a política provindo "de se *limitar* o infinito que se abre na relação ética de homem a homem".

O que seja o "infinito" interumano, pelo menos exigiria propriamente uma palestra sobre LÉVINAS. A relação interumana é "relação sem relação", porque não conclui. Entre o *Mesmo* de mim Mesmo e o *Outro* de mim Mesmo, a inteligência dessa relação só é pela "idéia do infinito", idéia cujo *ideatum* nela não se contém. Para Lévinas, o sujeito não se define na relação com objeto: a subjetividade humana se define enquanto portadora da "idéia do infinito". A imagem pode ser da *carícia*, onde toco mas não toco e apenas *tateio no noturno* da ternura. Não há articulação alguma de conceitos pela qual *Outrem* seja compreendido.

No entanto, há *racionalidade* nesse interumano e não é racionalidade que compõe pedaços numa *totalidade*. Toda *pessoa* humana é *única* tal como IAHWEH é *pessoa única*. A "ontologia" levinasiana é liminarmente *pluralista*. "Anarquia essencial à multiplicidade"<sup>40</sup> ou "pluralismo da sociedade"<sup>41</sup>. Costumo explicar

exemplarmente este dito: o casal, em seu leito, recebe a visita anárquica da criança que se deita entre os dois. A *ternura* pervade a trindade *homem-mulher-filho*, mas será *ternura* "negociada" em seus atos. O exemplo é pequeno, mas é o *concreto universal* de toda política. A *ternura* é fundamento da *democracia*. A *ternura*, quer dizer, "o *terroso* para o *terroso*", é o fundamento ético, "justiça", para toda política, "verdade". A *justiça* - "tu não matarás", quer dizer, "farás tudo para que o outro viva"<sup>42</sup> - é *absoluta*, mas a *verdade* é sempre *relativa* e *histórica* em uma comunidade: famílias, grupos, sindicatos, partidos, nações, estados... Aliás, se consultarmos a "Carta universal dos direitos humanos" da ONU, ela dá razão ao semita: "tu não matarás", ou seja, "farás tudo para que o outro viva". Ninguém escaquece o semita!

A liberdade "muito boa" de IAHWEH Deus para o *terroso* - risco e aposta - de fato resultou até em discórdia letal. Mas a discórdia não é *destino* para a humanidade, ao modo de o ser apenas se revelar como guerra. O interumano deve historicamente resultar de *sophrosýne*, "bom senso", desde "coração puro"<sup>43</sup>, a TERNURA do *terroso* para o *terroso*. LÉVINAS desgosta o termo "amor", aviltado em nossos dias. Emprega "responsabilidade" e lembra DOSTOIEVSKI em *Os irmãos Karamazovi*:

*Somos todos responsáveis de tudo e de todos perante todos, e eu mais que os outros*<sup>44</sup>.

## NOTAS

(1) *El humanismo semita*. Buenos Aires, EUDEBA, 1969. Sobre o que nos interessa, veja-se também do mesmo autor: *El humanismo helenico*, Buenos Aires, EUDEBA, 1975 e *El dualismo en la antropologia de la cristiandad*, Buenos Aires, Guadalupe, 1974.

(2) Cf. "Para uma pré- e proto-histórica latino-americana", *Para uma ética da libertação latino-americana*, São Paulo, Loyola, Piracicaba, UNIMEP, sd., v. 3 págs. 33-45.

(3) Entre os povos indo-europeus refere *germanos, celtas, itálicos, gregos, frígios, hititas, medos, persas, arianos, chuechi*.

(4) Entre os povos semitas refere *fenícios, arameus, cananeus, sírios, babilônios, assírios, caldeus, acádios, árabes*.

(5) NEMO, Philippe (Apresentação). LÉVINAS, Emmanuel, *Éthique et Infini: dialogues avec Philippe NEMO*. Paris, Fayard, France Culture, 1982, págs. 5-7.

(6) *O homem messiânico: uma introdução ao pensamento de Emmanuel Lévinas*. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Petrópolis, Vozes, 1984, pág. 12.

- (7) "As diversas origens do cristianismo. Uma visão de conjunto (30-70 d.C.)". *Cristianismos originários*. Revista de interpretação bíblica latino-americana. (22):7-8, 1995/3. Ver E. HOORNAERT, *A memória do povo cristão*, Petrópolis, Vozes, 1986, "Introdução, n. 2: Eusébio de Cesaréia e a história da Igreja".
- (8) *Totalité et infini*. Dordrecht, Boston, London, KLUWER ACADEMIC PUBLISHERS, 1988, págs. 62-75 e pág. 281
- (9) *Op. cit.*, págs. ix-x.
- (10) Todas as minhas citações são retiradas de *A BÍBLIA de Jerusalém*, São Paulo, Paulinas, 1980, salvo quando expressamente transcrevo a tradução de André CHOURAQUI, referida na nota seguinte.
- (11) André CHOURAQUI (*No Princípio* (Gênesis), trad. Carlito AZEVEDO, Rio de Janeiro, Imago, 1995) discute amplamente o hebraico *beréshit* - "palavra deliberada, especialmente criada" - e cria para ele o francês *entête* - que não é *en tête* -, afastando-se do grego *en arché* dos LXX (Setenta) e aproximando-se do grego *enkephaláiō* de ÁQUILA. *In principio* é o latim de JERÔNIMO que o tradutor brasileiro acompanhou com "No Princípio". Escreve CHOURAQUI:
- A tradução habitual, *In principio*, "No começo", "*Au commencement*", "*In the beginning*" etc., constitui uma extrapolação mitificadora - introdução de uma cosmogonia - que esvazia o texto de suas significações originais (pág. 29). É uma pena que *A BÍBLIA de Jerusalém* não siga a tradução que também propõe: No princípio que Deus criou o céu e a terra, a terra estava...
- (12) Enrique DUSSEL Cita MAIMÔNIDES:
- Não há dúvida alguma que as três comunhões se interessam freqüentemente pelas mesmas doutrinas, isto é, os judeus, os cristãos e os muçulmanos, como por exemplo a afirmação da novidade do mundo (*Guia dos perplexos*, I, cap. LXXI. "Para uma pré- e proto-histórica latino-americana", *Para uma ética da libertação latino-americana*, op. cit., pág. 44).
- (13) *Totalité et infini*, op. cit., págs. 29-30.
- (14) Observa:
- ELOHÍMS: no plural - daí o s acrescido à transcrição - designa mais especificamente, na BÍBLIA, o Deus dos hebreus, o criador dos céus e da terra, conhecido sob o nome próprio de IHVH.
- Trata destes e dos outros termos empregados na BÍBLIA para designar *Deus*: EL, ELOHA, ADÔN, ADONAI, YAH, SHEBAOT, EL SHADAI (págs. 30-35). IAHWEH é nome *próprio*, definitivamente consagrado no judaísmo, de uma *pessoa* individua - como MARIA, JOSÉ, RENATA, FERNANDO... -. *Deus* é gramaticalmente nome *comum*.
- (15) *Totalité et infini*, op. cit., pág.118.
- (16) *Ibidem*, pág.107.
- (17) *De l'existence a l'existant*. Paris, Vrin, 1986. pág. 67-68.
- (18) Escreve CHOURAQUI sobre Gn 2,19:
- Uma vez mais, notamos o valor original da palavra; mais do que um meio de comunicação, ela tem o poder de desvendar e de transformar o mundo (*op. cit.*, pág. 53).
- (19) CANEIRO LEÃO, Emmanuel. "Introdução". HEIDEGGER, Martin. *Sobre o Humanismo*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1967, págs.16-17.



(20) De *A BÍBLIA de Jerusalém*, pág. 36, nota<sup>m</sup>: "O nome Eva, *Havvah*, é explicado pela raiz *hayah*, viver".

(21) VAN DEN BORN, A., org. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis, Vozes, Lisboa, Centro do Livro Brasileiro, 1971, v. *conhecer e v. conhecimento*.

(22) *Op. cit.*, pág. 66.

(23) Observa DUSSEL que o único termo hebraico que poderia corresponder a *sôma* em grego é *gufah*, "cadáver".

(24) *A BÍBLIA de Jerusalém* conserva: "E o Verbo se fez carne". A carnalidade unitária também é evidente, em clara diferença com o helênico, na indicação da sede da interioridade humana: o *coração*, sede da sabedoria, os *riños*, sede dos pensamentos secretos, o *figado*, sede dos sentimentos elementares.

(25) *Ressurreição não é reencarnação*. Cf. "Reencarnação ou Ressurreição". *Concilium*: Revista Internacional de Teologia. Petrópolis, Vozes, 1993/5, nº 249. Lê-se nesse fascículo:

TESE 2 - *O conteúdo do significado da fé na ressurreição dos mortos, tal como foi professada no primeiro período do judaísmo e no cristianismo primitivo, traz implícita não a antropologia dicotômica da concepção de uma alma imortal, mas se concentra por inteiro no homem como pessoa.*

A fé na ressurreição dos mortos não é decorrência de concepções antropológicas que sustentam que o homem, enquanto natureza espiritual, não seria idêntico à sua existência material, ou que ele seria imortal segundo sua própria natureza, ou que a alma, enquanto núcleo específico da pessoa, estaria unida somente provisoriamente ao corpo material, e que o corpo seria como que uma prisão para a alma na sua maneira própria de ser, e outras opiniões semelhantes. Ao contrário, a doutrina da imortalidade da alma, em relação à doutrina da ressurreição, é muito mais uma teoria secundária e pós bíblica, que busca harmonizar a fé judaico-cristã com a antropologia helenística (LONING, Karl. "Ressurreição e apocalíptica bíblica". *Op. cit.*, págs. 82 [742]-83 [743]).

(26) Se *ruah* corresponde ao grego *pneûna*, *nefesh* não corresponde ao grego *psyché*.

(27) De *A BÍBLIA de Jerusalém*, Gn 2,7 nota<sup>m</sup>:

*Nefesh* designa o ser animado por um sopro vital, manifestado também pelo "espírito", *ruah*.

(28) Cf. *Totalité et Infini*, *op. cit.*, "Désir de l'invisible", págs. 3-5.

(29) *Shir hashirim*, genitivo superlativo da língua hebraica.

(30) Terá sido por isso que seu fruto tenha sido curiosamente identificado em nossa cultura como sendo a *maçã*?

(31) *Totalité et Infini*, *op. cit.*, págs. 29-30. Mas, quando o homem, "junto a si", não é a-teu? O mesmo judeu-lituano-francês, na sua condição masculina e em certa determinação histórica, indica a situação fundadora do *chez soi*:

A familiaridade e a intimidade se produzem como uma doçura que se derrama sobre a face das coisas, doçura proveniente de uma amizade. A intimidade, que a familiaridade já supõe, é *uma intimidade com alguém*. A interioridade do recolhimento se refere a um acolhimento. O Outro, cuja presença é discretamente uma ausência e a partir da qual se realiza o acolhimento hospitaleiro por excelência que descreve o campo da intimidade, é a Mulher. A mulher é a condição do recolhimento, da interioridade da Casa e da habitação. É um recolhimento, uma vinda a si, um retiro em sua casa como uma terra de asilo,

que responde a uma hospitalidade, a uma espera, a um acolhimento humano. Acolhimento humano no qual a linguagem que se cala continua a ser uma possibilidade essencial. As idas e vindas silenciosas do ser feminino fazendo ressoar as espessuras secretas do ser, nada têm do turvo mistério da presença animal e felina cuja estranha ambigüidade BAUDELAIRE se compraz em evocar (*Ibidem*, págs.128-129).

(32) Cf. "O existencialismo é um humanismo". Sartre. Trad. Rita de Correia GUEDES. São Paulo, Nova Cultural, 1987 (Os Pensadores).

(33) Estes versículos fizeram correr respeitavelmente muita tinta nos livros da teologia cristã, particularmente a respeito da "Imaculada Conceição" de MARIA, mãe de JESUS DE NAZARÉ - quem foi à BAHIA deve ter pelo menos sabido da "Conceição da Praia" -. Não largo isso para o folclore, porque respeito o folclore.

(34) Novo TESTAMENTO, *Evangelho de Lucas*, capítulo 2 versículo 14.

(35) PAULO DE TARSO sobre a *kénosis*, capítulo 2, versículo 7 da *Carta aos Filipenses*. "Habitou entre nós" é de JOÃO EVANGELISTA, em seguida a "e o Verbo de fez carne".

(36) *Éthique et Infini* : dialogues avec Philippe NEMO, *op. cit.*, pág. 81.

(37) Sobre este termo, é preciso ler na Bíblia o livro do profeta OSÉIAS, cuja mulher se prostituiu, mas para com a qual sempre conservou *hesed*, "ternura", reconduzindo-a a si. O *perdão* importa *ternura*, o comportamento de IAHWEH para com o *terroso*.

(38) A imagem de "gula sexual" é limitada, e a maldade primeira poderia ter a designação de "sublimação repressiva" (MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização*: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Rio de Janeiro, Zahar,1972), resultando em "banalização do sexo" (RICOEUR, Paul. "A maravilha, o descaminho o enigma". *Revista Paz e Terra*, 1(5):27-38, out. 1967). E quanto à "Aids", vejo o mesmo fenômeno repressivo nas palavras de Robert GALLO, o famoso pesquisador norte-americano do HIV, em entrevista nas conhecidas "páginas amarelas" da revista VEJA. À pergunta: "Por que é tão difícil produzir uma vacina contra a Aids?", responde, entre outras coisas:

Além dos problemas científicos, há limitações financeiras. As empresas farmacêuticas não estão querendo dar o dinheiro necessário às pesquisas. Querem lucros imediatos. Elas têm acionistas aos quais devem satisfações. Os investidores querem ver o retorno do capital aplicado (Edição 1462, Ano 29, no 38, 18 de setembro de 1996, pág.11).

Sabemos que os donos do capital há muito praticam esta maldade, retardando quanto podem a cura de muitas doenças, endêmicas ou não. O lucro é mais fácil e imediato com "remédios" que não remedeiam nada!

(39) *Evangelho de MARCOS*, capítulo doze. Ressoa de JOÃO EVANGELISTA em seu *Evangelho*:

Quem não ama o irmão a quem vê, não ama a Deus a quem não vê (1Jo 4,20).

(40) "La création". *Totalité et infini*, *op. cit.*, págs. 269-270.

(41) "L'être est extériorité". *Totalité et infini*, *op. cit.*, págs. 266-267.

(42) *Transcendance et intelligibilité*, suivi d'un entretien. Genève, LABOR et FIDES, Centre Protestant d'Études, 1984, pág. 41.

(43) "Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus" (*Evangelho de MATEUS*, capítulo 5 versículo 8).

(44) "Les Frères Karamazov, La Pléiade, pág. 310" (*Éthique et Infini*, *op. cit.* pág. 94).